PQ
9261
.B8C3

Class PQ9261
Book .B8C3

BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES
RUA DOS CALAFATES, 110

1867

BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

3195
5163

BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

38

BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

DO

DIARIO DE NOTICIAS

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES
RUA DOS CALAFATES, 110
1866

PQ9261
.B8C3

887170
.29

CANÇÕES DA TARDE

POR

BULHÃO PATO, Raymundo Antonio de

[1866]

AMK 13Mr36

I

Rosa esquiva

És rosa; teu nome o diz;
Dil-o a côr do teu semblante,
E essa graça fascinante
Com que ás vezes te sorris.
Namoram-te o rouxinol,
E as auras com seus carinhos;
Assim que desponta o sol
Depõe um raio a teus pés;
És rosa em tudo, bem vês,
Até nos proprios espinhos!

Junho e 1866.

II

Dolores

(DE CAMPOAMOR)

Na passagem do enterro de uma menina de dezeseis annos

Carolina, pobre amiga,
Oh! jámais te hei de olvidar!
Eis o que a gente dizia
Quando o enterro ia a passar:

Um padre: — Comece o canto.
O doutor: — Já não padece.
O pae: — Afoga-me o pranto!
A mãe: — Meu Deus! se eu morresse!!...

Um rapaz: — Tão enfeitada!
Um mancebo: — Era tão bella!

Uma joven: — Desgraçada!
Uma anciã: — Feliz foi ella!

— Dorme em paz! — Os bons repetem.
— Adeus! — dizem os demais.
Um philosopho: — Um de menos.
Um poeta: — Um anjo mais!

Mertola, setembro de 1865.

III

Á cantora Lotti

Cedendo o producto do seu beneficio em favor dos velhos protegidos pela sociedade *Consoladora dos Afflictos*

Tu bem vês que a bella Italia,
Onde ergueste o eburneo collo,
Não possue mais fertil solo,
Nem tem céo de mais fulgor.
Confundiram nossas patrias
Vezes mil acerbos prantos;
Hoje á dôr succedem cantos,
São tambem irmãs no amor.

Eis-te emfim no lar propicio,
Onde os pobres pequeninos
Á tua voz soltam hymnos
De gratidão infantil:

Qual em seu ninho, entre jubilos,
Vendo a mãe, o bando implume
Solta a voz assim que o lume
D'aurora rompe em abril.

Como, abrindo as azas candidas,
Ella, a respirar delicias,
Enche os filhos de caricias,
E canta inspirada então,
Tu tambem, ó mãe solicita,
Com mão prodiga em carinhos
A desherdados filhinhos,
Cantando trouxeste pão!

Hoje não os tens impuberes,
Mas a velhice indigente,
Com mão valida e clemente
Sorrindo vens amparar;
Acodes agora ao tumulo,
Hontem ao berço acudias;
Mensageira de alegrias
A todos vens consolar!

É bello o triumpho, esplendido,
Que alcanças com loucas palmas,
Quando rende tantas almas
A tua voz divinal;
Mas ah! que as bençãos angelicas
Dos que arrancas ao martyrio
São mais bellas, tem no Empyrio
Eccos de gloria immortal!

18...

IV

A Julia

(Offerecendo-lhe a Sibylla de Octavio Feuillet)

Á pallida Sibylla, em graça e formosura,
Igual te fez, ó Julia, a mão do Creador;
Que amor tambem te anime a fronte ingenua e pura,
Mas ah! que não te abrase o fogo d'esse amor!

Abril de 1866.

V

O poeta

Eis o poeta: em canticos
De eterna melodia
Desprende a voz suavissima
Saudando a aurora, o dia
Que no vergel esplendido
Diffunde etherea luz;
Offerta ás virgens candidas
Festões de myrtho e rosas;
Exulta ao vêr os jubilos
Das almas venturosas;
E elle só tem no tumulo
Descanço aos pés da cruz!...

VI

Tristeza sem motivo

Hontem de tarde, ao sol posto,
Contemplavas silenciosa
A torrente caudalosa
Que refervia a teus pés.
Vi depois teus olhos avidos
Medirem o fundo abysmo,
A que um fatal magnetismo
Ia arrojar-te, talvez!

Affasta do teu espirito
Esses crueis pensamentos!
Delirios de alguns momentos,
Mas ah! delirios fataes!

Resurge, segue na vida
A tua viçosa estrada!
És feliz, que estás cercada
D'amigos, d'irmãos, dos paes.

Ergue a fronte! a primavera
Com seus clarões te illumina.
Acaso a rosa se inclina
Quando vem o sol a rir?
Emmerge das negras sombras
Em que a tua alma se abysma,
E atravez de alegre prisma
Encara o céo do porvir!

Que fôra de ti, se um dia,
Voltando ao teu lar paterno
Achasses o frio inverno
Dentro dos sacros umbraes?
Se ao clamor das tuas supplicas,
Á voz da tua amargura,
Os eccos da sepultura
Respondessem — Nunca mais!

Vive, em quanto a luz propicia
Brilha em teu vasto horisonte.
A flôr, que sorri no monte,
Ao vêr que a aurora nasceu,
Pensa acaso na tormenta
Que póde vir ao sol posto?
Ama, espera, e volve o rosto
Ao sol, que rompe do céo!

Vizeu 1862.

A

PRIMEIRA SAUDADE

(De Lamartine)

A M. PINHEIRO CHAGAS

Como lembrança de estima e homenagem

AO SEU MUITO TALENTO

OFFERECE ESTA TRADUCÇÃO

O AUCTOR.

VII

A primeira saudade

(DE LAMARTINE)

Sobre a praia sonora, onde murmura
Das aguas de Sorrento
A vaga aos pés dos laranjaes floridos,
Junto do atalho, existe, entre a espessura
Da sebe rescendente,
Um pobre monumento,
Lapida humilde, estreita, indifferente
Do caminhante aos passos distraídos.

Um nome alli se esconde entre a folhagem,
Um nome que jámais foi repetido
Nos ecos ou na voz da branda aragem;
Mas não raro o que passa, desviando

As selvaticas plantas, commovido
Lê a data e a edade, e diz, buscando
O pranto em vão conter:
« Dezeseis annos tinha! era tão cedo,
Meu Deus, para morrer! »

Mas que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado?
Gema o vento, e desprenda magoado
O mar os seus lamentos.
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos!
Eu quero o brando enleio, e não o pranto!

« Dezeseis annos! » Sim, dezeseis annos.
E jámais essa edade reflorira
Em tão graciosa frente,
Nem d'essas margens o fulgor ardente
Em mais saudoso olhar se reflectira!
Eu só a vejo, eu só n'este momento,
Immaculada, como dentro d'alma,
Onde nada se extingue, m'a deixara
Viva, inteira, ridente, o pensamento!
Tão viva como n'hora

Em que, pondo nos meus seus olhos bellos,
Sorria encantadora,
Quando os negros anneis de seus cabellos
Folgavam soltos á feição do vento,
E ambos nós, expandindo o pensamento
Sobre as ondas do mar adormecidas,
N'uma só resumiamos as vidas!
Quando da estreita vela
Lhe andava a fluctuar a sombra errante
No rosto deslumbrante,
Ouvindo na distancia a voz singela
Do pescador, dizia,
Respirando a bafagem perfumada,
E mostrando-me a lua em seu crescente,
Como nocturna flor desabroxada
Com que se ufana a aurora resplendente:

« Tudo em volta de mim porque fulgura
Com luz tão viva agora?
O azul da immensa altura,
De estrellas recamado;
Estas areias d'oiro, onde murmura
A vaga gemedora,
O golfo coroado

Do bosque silencioso;
O cimo d'estes montes, que parecem
Tremer no ceu profundo e luminoso;
Os clarões que nas plagas resplandecem.

Nunca, oh! nunca em meu espirito
Produziram tal effeito!
Ergueu-se acaso em meu peito
O astro do amor emfim!?
E tu, que és filho da aurora,
Responde, serão tão bellas
No teu paiz as estrellas,
E as noites longe de mim?!»

Depois, mirando a mãe que lhe sorria,
No collo d'ella reclinava a fronte,
E no seio materno adormecia!
Mas que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado?
Gema o vento e desprenda magoado
O mar os seus lamentos!
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos!
Eu quero o brando enleio e não o pranto.

Quanta candura no seu rosto havia!
No olhar quanta innocencia!
De Nemi o lago crystallino e puro
Tem menos transparencia!
D'aquell'alma os singelos pensamentos,
Sem que ella os revelasse se anteviam!
Jámais, nem por momentos,
As palpebras formosas encobriam
O olhar cheio de ingenuos sentimentos;
Nem sobre aquelle rosto,
Se projectara a sombra de um desgosto.
Tudo era encanto e luz; e esse innocente
Riso da infancia, que mais tarde expira
Nos labios tristemente,
Na bocca lhe brincava fluctuante,
Como um puro arco iris
Sobre o chão do horisonte deslumbrante!

No seu andar indeciso
A airosa ondulancia havia
Da vaga onde folga livre
A luz de um sereno dia.

E a voz sonora era o ecco
D'alma infantil. Alegrava,
D'essa alma a doce harmonia,
Tudo, tudo que a cercava!

Mas que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado?
Gema o vento e desprenda magoado
O mar os seus lamentos.
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos,
Eu quero o brando enleio e não o pranto!

Gravou-se a imagem minha
N'aquelle coração que se entreabria,
Como se grava ao despontar d'aurora
Nos olhos entreabertos
A luz nuncia do dia.
Não vira nada mais depois d'ess'hora!
Desde o instante em que amou, todo o universo
Para ella no amor se resumia!
Do mundo encantador, que ante nós ambos
Alegre fluctuava,
Alheia caminhava.

Minh'alma era o seu mundo!
No ditoso presente concentrava
Tempo, distancia, terra e ceu profundo!
Como ao votivo altar me conduzia,
E então, seus olhos para mim volvendo,
Baixinho me dizia:
« Resa tambem comigo,
Que até nem mesmo o ceu sem ti compr'endo»

Mas que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado?
Gema o vento e desprenda magoado
O mar os seus lamentos.
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos,
Eu quero o brando enleio e não o pranto.

Vêde, no seu recife, d'uma fonte
A veia socegada arredondar-se,
Como um lago entre as margens se arredonda;
Um lago azul, tranquillo, resguardado
Do vivo ardor do sol e das correntes
Do vento despregado.
Nadando um alvo cysne encrespa a onda,

Mas não perturba as aguas transparentes,
Quando, ostentando a esplendida plumagem,
No lago crystalino,
Mergulha ufano o collo alabastrino;
Porém se, procurando outra paragem,
As azas bate sublevando a vaga,
Caem frocos de plumas, e parece
Que o terrivel abutre se arrojára
Sobre a victima imbelle, e que os vestigios
Da morte alli deixara.
Então em pego escuro n'um instante
Se torna o lago azul e scintilante!

Assim, quando eu parti, n'aquelle espirito
A chamma para o mundo se apagou,
Subindo emfim ao ceu, que lhe era patria;
E nunca mais voltou!

Não quiz ver de outro futuro
Raiar o doce clarão.
Na sua primeira lagrima
Afogara o coração.

Como de noite a avesinha,
Menos formosa do que ella,
Esconde n'aza singela
O collo para dormir;
No veu da sua tristeza
Escondeu-se por instantes,
E adormeceu, mas bem antes
Meu Deus, da noite cair!

Oh! que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado!
Gema o vento e desprenda magoado
O mar os seus lamentos.
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos,
Eu quero o brando enleio e não o pranto.

Sobre o seu leito de argila
Onde ella repousa ha tanto,
Um suspiro, um ai, um pranto
Já lhe não vota ninguem!
Veiu a segunda mortalha,
Que é o frio esquecimento,
Sobre o pobre monumento
Cair gelada tambem!

Eu só habito em espirito
Junto da campa esquecida,
E quando da minha vida
Contemplo o revolto mar;
Quando choro outras estrellas
Que em meu horisonte havia,
A primeira inda me envia
Toda a luz do seu olhar!

Mas que fatal encanto
Me leva agora ás scenas do passado?
Gema o vento e desprenda magoado
O mar os seus lamentos.
Vinde, vinde, ó meus tristes pensamentos,
Eu quero o brando enleio e não o pranto.

Sob espinhosos arbustos,
Entre a pallida verdura,
Jaz a sua sepultura
Ao pé das ribas do mar.
Alva flôr na primavera
Alli veceja um instante,
Mas o vento sibilante
Em breve a vem desfolhar!

Soltando ternos modilhos,
Sobre flexivel raminho,
Um saudoso passarinho
Desprende a voz infantil.
Dize, ó flôr que assim fechaste
O teu seio pudibundo:
Não existe acaso um mundo
Onde fulge eterno abril?!...

Memorias do passado,
Scenas do mago encanto,
Vinde, ah! vinde outra vez; amargurado
Transborda o coração! corre, meu pranto!

Julho 5, 1864.

VIII

A José Estevão

Eil-o junto de nós dormindo o somno eterno.
Na terra emfim descança ao pé do chão paterno.
Ao pae que tanto amor em vida lhe votou
Tambem na sepultura agora se abraçou.
Quando ao romper do sol alegre o céo rebrilha,
Como anjo tutelar desce do Empyrio a filha;
Bate as azas gentis por entre o cyprestal,
E solta hymno inspirado ao somno paternal.
Quem constante lidou, desde a mais tenra edade,
Em prol do amor da patria, em bem da humanidade,
Quando é chegada a hora e deixa a terra emfim,
Á entrada do outro mundo encontra um seraphim.

E quem pois o amor da patria
Com vehemencia egual sentiu?
Qual o peito onde surgiu
Mais ardente hoje esse amor?
Quem como elle, co'um só gesto,
Quando a turba se atropela,
Quebra as ondas da procella,
Resistindo ao seu furor?

E se a mão da prepotencia
Procurava erguer-se altiva,
Quem mais prompta, e quem mais viva
Tinha sempre a inspiração?
Era ouvil-o, ouvir a patria,
Quando exclama na anciedade:
«Liberdade, oh! liberdade!»
Com a voz do coração.

Ah! no exilio, quantas vezes,
Afogada entre gemidos
Murmurava aos seus ouvidos
A voz do paiz natal!
E ouvindo-a sua alma, em impetos
Do mais ardente heroismo,

Sonhava em transpôr o abysmo
E libertar Portugal!

Então a graciosa aldeia,
O val coberto de olmeiros,
Os ingenuos companheiros
De seus jogos infantis,
Tudo aos olhos lhe sorria,
Matisado por mil côres,
Montes, valles, prados, flôres,
Céo e luz do seu paiz!

Rompe um dia aurora esplendida,
O tambor toca a rebate,
No mais fero do combate
Entra, luta, conquistou!
Conquista dos proprios lares!...
Mas do campo afasta a vista,
Porque emfim n'essa conquista
Sangue de irmãos se espalhou!

Era assim: tinha luctando
No olhar o fogo supremo,

Na voz o poder extremo
Que arrebata a multidão;
Desafiando o inimigo,
Entre as nuvens da metralha,
Era um tigre, na batalha;
Na victoria, era um irmão!

Termina a luta fervida,
Cae na bainha a espada,
Retorna aos lares placidos
Da terra sua amada,
D'esta que berço e tumulo
Do grande genio foi!
Se nos assaltos bellicos
Distincto era o soldado,
Acções inda mais validas
Lhe destinava o fado;
Desprende a voz, e a patria
Sauda um novo heroe;

Quando se abatem animos,
Medindo a luta immensa,
Quando n'alguns espiritos

Já desfallece a crença,
Surge imponente e mostra-lhes
Raiar nova manhã!
É porque o genio esplendido,
Que a liberdade inspira,
É como a voz prophetica,
Que outr'ora dirigira
Do Egypto um povo misero
Á fertil Canaan!

Quando, com olhos avidos,
Em torno a nós medimos,
A industria, o bem, a gloria,
Em tudo emfim sentimos
Que dera impulso maximo
Seu sopro animador!
Não raro correm lagrimas
De uma saudade infinda!...
Quanto não fez!... quantissimo
Tivera feito ainda,
Se o não roubasse subito
A morte ao nosso amor!

Dorme junto de nós, dorme teu somno eterno
Na terra a que votaste o santo amor fraterno.
Ao declinar da tarde, ao rebrilhar do sol,
Na hora em que descante occulto rouxinol,
Virá tambem do Empyrio, alegre philomela,
A tua ingenua filha, a pomba alva e singela,
Esvoaçar gentil por entre o cyprestal,
Soltando hymno inspirado ao somno paternal;
Porque emfim quem lidou desde a mais tenra edade
Em prol do amor da patria, em bem da humanidade,
Quando é chegada a hora e deixa a terra emfim,
Á entrada do outro mundo encontra um seraphim.

Fevereiro, 5 — 1866.

IX

Adoração

Ao ver-te, minh'alma em extasi
D'ethera luz se illumina,
Suspensa, imagem divina,
No encanto do teu olhar!
Mas ah! como passam rapidas
Estas horas de delirio!
Como redobra o martyrio,
Quando torno a despertar!

Similhante ao mar indomito,
Meu sangue se agita em ondas;
Mas tu não vês, tu não sondas
O seio ao revolto mar!

Se o visses, talvez no animo
Sentindo profundo abalo,
Procurasses applacal-o
Com a luz do teu olhar!

Cingida de brilho esplendido
Caminhas erguendo o collo,
Sem ver que sobre este solo
De rastos te sigo em vão;
E quando teus labios timidos
Me dizem uma palavra,
Mais voraz o incendio lavra
Convertendo-se em volcão!

Como o azul da infinda abobada,
Quando abril o prado inflora,
Teus olhos brilham agora
Animados pelo amor.
Venturoso teu espirito
Do mundo se eleva extreme,
Em quanto minh'alma geme
Em lances de immensa dôr!

Hontem, quando melancolico
Expirava o sol na vaga,
Sentada na esteril plaga
Miravas o mar e o sol;
Inclinaste a fronte morbida
Qual no prado enamorada
Se inclina a rosa encantada
Escutaneo o rouxinol!

Depois desprendeste languida
A voz da bocca celeste,
E sorrindo me estendeste
A nivea e graciosa mão.
Cuidei verte á flor das palpebras
Uma lagrima sumida;
Então senti toda a vida
Parar-me no coração!

Bem sei que jámais, ó idolo,
Por mim palpitou teu seio,
Bem sei que este devaneio
Á perdição me conduz.
Embora! — encaro o patibulo,

Que a tua mão me prepara,
Impassivel como encara
O martyr morrer na cruz!

Junho de 1863.

X

A I. de S.

Isabel, já sobre um tumulo
Desprendes a voz saudosa!
Tu choras, rosa, outra rosa
Que cedo á campa desceu!
Não chores, escuta: o occaso
D'esta vida para ella,
Foi a aurora alegre e bella
Da eterna vida do ceu!!

Agosto de 1864.

XI

No album de uma recem-casada

Para ti do mar da vida
Corre a onda bonançosa;
De filha, de irmã, de esposa,
Sentes n'alma o puro ardor;
Pois além d'estes affectos
Que exprimem teus olhos bellos
Póde haver outros anhelos,
Existe acaso outro amor!?

Quando as estrellas scintillam,
Quando a noite é socegada,
Quando, ao romper da alvorada,
Vem ao prado o sol a rir;

Conhecem-se outros enlevos?
Pode a leve phantasia
Sonhar que appareça um dia
Mais risonho no porvir?

Não sei; mas sei que esse dia
Todo graça, luz e brilho,
Será quando a voz de um filho
O teu nome balbuciar.
Sentirás no amor materno
Redobrar o amor da esposa,
E mil vezes mais ditosa
No filho o esposo has de amar!

E visto que um nome obscuro
Quizeste em teu livro, agora,
Permitte-me pois, senhora,
Um simples voto tambem:
Que, já que tributo á esposa
Tão sincera sympathia,
Em breve tribute um dia
Profundo respeito á mãe!

Setembro de 1864.

XII

Ao filho primogenito do meu amigo conde d'Anadia

Bem hajas, gracioso infante!
Tudo é luz no teu futuro:
Auras, mansas; o ceu, puro;
Sereno e propicio o mar!
Voga no teu fragil berço,
Primeiro baixel do mundo!
Voga, que no ceu profundo
Tens uma estrella a brilhar!

Não te perturbe da terra
Este rumor incessante;
Sobre essa luz scintillante
Crava sempre os olhos teus.

Paira sobre o pego indomito,
Como a pomba da arca santa;
Desprende as azas e canta,
Nuncia de paz e d'amor!

Julho de 18...

XIII

A flor e a borboleta

(DE V. UHGO)

Á etherea borboleta a flor dizia:
Não te apartes d'aqui;
Vê quão diversos são nossos destinos,
Tu vaes deixar-me, e n'este mundo eu fico
A suspirar por ti!

Abril de 1863.

XIV

A madame Elisa Volpini na noite da sua despedida

Em abril, n'outros paizes,
Quando tudo se enamora,
Quantas flores abre a aurora!
Quão diverso é seu matiz!
Mil e mil todas tem nome
Entre tanta variedade;
Mas o nome da saudade
Só conhece este paiz!

Teu nome ás auras placidas
Direi no patrio lar,
E á flor que achar mais pallida
Saudade hei de chamar.

N'um *adeus* de despedida
Quanto expressa um peito afflicto!
Parte um ai, solta-se um grito
E esse adeus tudo nos diz!
Mas a dôr que traz a ausencia
Essa dôr que tanto opprime,
A palavra, emfim, que a exprime,
Só a sabe este paiz!

Saudade, ás auras placidas
Teu nome hei de ensinar,
E á flor que achar mais pallida
Assim lhe hei de chamar!

Março de 1866.

JULIETA E ROMEO

AO SEU AMIGO

A. DA SILVA GAIO

Offerece

O AUCTOR.

JULIETA E ROMEO

ACTO SEGUNDO

SCENA II

O jardim dos Capuletos

Chega Romeo

ROMEO

Quem nunca padeceu, de angustias nada entende.

Julieta apparece na varanda

ROMEO

De vagar!... Que fulgor d'essa varanda esplende
É o oriente onde assoma a deslumbrante luz.
É Julieta, o meu sol! — Oh! astro, emfim reluz:
Que a lua ao contemplar o brilho do teu lume
Mais pallida se torne e morra de ciume.
Não lhe queiras ser já fiel sacerdotisa;
Bem claro no seu rosto agora se divisa
A que ponto é zelosa! O manto de vestal
Depõe, que o seu aspecto é livido, é mortal;
Os insensatos só usam trazer taes côres.
Ella! o meu coração, meus unicos amores!

Sim, ella! ouvi-lhe a voz; vejamos: que me diz?
Oh! nada, mas que importa?... Os olhos seus gentis
Fallam: vou responder. A mente me illudiu,
Não foi de certo a mim que ella se dirigiu.

Das estrellas do ceu, duas de mais brilhar,
Tendo por algum tempo emfim de se ausentar,
Quizeram que esse olhar na esphera das estrellas,
Raiasse em seu logar até voltarem ellas.
Oh! se uma vez do espaço, as estrellas dos ceus,
Viessem scintillar nos bellos olhos seus,
E a seu turno tambem os bellos olhos d'ella,
Brilhassem n'esse mundo onde scintilla a estrella,
D'aquella face linda o vivido clarão
Offuscara o fulgor dos astros da amplidão;
Como ao romper da aurora offusca a luz diurna
A esmorecida luz da lampada nocturna.
E os passaros então, cuidando que era dia,
Soltariam a voz em cantos de alegria!

Agora sobre a mão a meiga face inclina,
Ah! que se eu fosse a luva em sua mão divina...
Tocara n'essa face...

JULIETA

Ai! de mim!

ROMEO

Mas que ouvi?!

Ouvi-lhe a doce voz, fallou, não me illudi.
Oh! falla inda uma vez! uma palavra ainda,
Radiante anjo do ceu, que na extensão infinda,
Por esse ethereo azul abrindo as azas vaes;
E ao verem-te passar contemplam os mortaes,
Co'a fronte alevantada, e para traz pendida,
Com attonito olhar e a mente embevecida,
Na marcha magestosa a celeste visão,
Que voga percorrendo a immensa vastidão;
E serena, gentil, graciosa e pudibunda,
Avança na carreira a nuvem vagabunda!

JULIETA

Ó Romeo, ó Romeo! Ah! por que és tu Romeo!
Renega de teu pae, abdica o nome teu.
Se o não queres fazer, faze-me um juramento:

Jura que me has de amar, que desde esse momento
Capuleto tambem eu deixarei de ser!

ROMEO

Devo inda esperar mais? ou devo responder?

JULIETA

Teu nome é que é, bem vês, meu unico inimigo;
Não és um Montagu; tu és tu proprio, amigo.
O que é um Montagu? não é decerto um pé,
Um rosto, um braço, ou mão. Dize-me o que então é!
Vamos, toma outro nome; um nome que resume?
Trocando o nome á rosa acaso o seu perfume
Não seria qual é? mudando o nome então,
Mudaria em Romeo a graça, a perfeição?!
Deixa o nome, Romeo, que em paga te prometto
Toda votar-me a ti com todo o meu affecto.

ROMEO

Pois bem: essa palavra é para mim bastante;
Não me chames Romeo, chama-me o teu amante.

JULIETA

Quem és tu, que assim vens das sombras protegido
Um segredo escutar que ninguem tinha ouvido?

ROMEO

Quem sou, santa adorada! o meu nome não digo.
Desde o instante em que ouvi que o tens por inimigo,
Aqui, no coração, que elle estivesse escripto,
Rasgava se pudesse esse nome maldito!

JULIETA

Reconheço esta voz. Responde, quem és tu?
Não te chamas Romeo, não és um Montagu?

ROMEO

Se detestas os dois, os dois engeito agora.

JULIETA

Como ousaste aqui vir e transpor a tal hora
Os muros do jardim, tão difficil empresa?!
Se um dos meus te descobre, és morto com certeza!

ROMEO

Prestou-me azas o amor para transpor os muros;
Os limites de pedra, embora os mais seguros,
Não são dique ao amor; a tudo o amor se atreve.
Saber o odio dos teus, bem vês, não me deteve.

JULIETA

Se te encontram aqui, morrerás!

ROMEO

Ah! meu Deus!
Do vivo faiscar da luz dos olhos teus,
Receio eu muito mais do que de vinte espadas
Que possam contra mim por elles ser vibradas.
Concede-me um olhar, um só olhar fagueiro
E que me importa o mais!...

JULIETA

Ah! pelo mundo inteiro
Não quizera que os meus... Se um dos meus te descobre!...

ROMEO

Da noite o manto escuro a seu olhar me encobre:
Mas se eu não devo, emfim, ser amado por ti,
Venham elles então e morrerei aqui.
Não tendo o teu amor, a vida que seria?

JULIETA

Quem te guiou? responde.

ROMEO

Amor foi o meu guia.
Prestou-me a intelligencia, os olhos lhe emprestei.
Não sou piloto; embora! a descubrir-te irei,
Se tal preciso for, nas paragens remotas,
Onde rebenta o mar sobre as praias ignotas,
E sem desanimar na aventurosa empresa
Arriscar tudo emfim, mas alcançar a presa!

JULIETA

A mascara da noite occulta o meu semblante:
Se não fosse ella pois verias n'este instante,

Como me tinge a fronte o virginal rubor,
Por te haver revelado o meu secreto amor!
Não devêra ter sido ha pouco tão sincera;
Mas negar o que ouviste agora em vão quizera.
Tu amas-me? bem sei, que vaes dizer-me sim,
E essa palavra só é tudo para mim!
Não m'o jures porém; não quero um juramento;
Podel-o-hias quebrar n'um'hora, n'um momento;
E Jupiter se ri, segundo o que se diz,
Dos perjurios do amor, julgando-os pueris.
Tu amas-me ó Romeo? dize-o com lealdade;
Triumphaste de mim, e pódes na verdade,
Julgar que fui leviana em dar-te o coração;
Tu verás, sendo assim, como te digo: — não!
Com a fronte severa e carregado aspecto;
Mas será, se o fizer, para que o meu affecto
Me venhas implorar com redobrado empenho,
Que força para mais, sou franca, não a tenho.
Confia-te de mim, que mais leal sou eu
Do que essas onde a arte á verdade escondeu.
Guardára longo tempo occulto no meu peito
Este segredo, emfim, que ouviste a meu despeito.
Perdoa-me, Romeo: não fui, não fui leviana
Denunciei-me assim; mas é que a noite engana!

ROMEO

Nobre dama, eu te juro em nome d'essa lua,
Cuja encantada luz nas arvores fluctua...

JULIETA

Não jures pela lua; a lua, como vês,
Tem inconstancia tal que muda cada mez.
Tremo que o teu amor venha a mudar assim!

ROMEO

Dize, que juramento exiges tu de mim?

JULIETA

Nenhum; porém, se emfim por força jurar queres,
De quanto juramento agora me fizeres,
O jurar por ti mesmo, ó ente idolatrado,
De certo é para mim de tudo o mais sagrado!

ROMEO

Se este profundo amor...

JULIETA

Oh! basta! Infelizmente
Apezar do que sinto ao vêr-te aqui presente,
Não posso inda gosar d'esta noite celeste.
Foi rápido de mais o prazer que me déste;
Foi como o fuzilar do raio que passou:
Ao dizermos: «Lá brilha» é quando já brilhou!

Este botão de amor, que vês entrecerrado,
Ao sopro do verão vel-o-has desabrochado.
Na proxima entrevista é flor encantadora.
Adeus, adeus, amor! oh! praza aos céos agora,
Que esta ineffavel paz que eu sinto dentro em mim,
Em ti seja tão doce e tão profunda emfim!

ROMEO

Tu vaes deixar-me pois, e deixar-me indeciso?

JULIETA

Que outro penhor d'affecto acaso te é preciso?

ROMEO

Dá-me o teu coração! em troca dou-te o meu.

JULIETA

Sem m'o haveres pedido eu deit'o, era já teu!
Oxalá que podesse agora retirar-t'o!

ROMEO

Sim? dize para quê?!

JULIETA

Para tornar a dar-t'o.
Mas que desejo eu mais! O meu amor immenso
É como o vasto mar, tão fundo e tão extenso.
Sem limite nenhum, quanto mais dá mais tem;
Na riqueza infinita é como o mar tambem!

(Sente-se a voz da ama chamando-a)

JULIETA

Ouço bulha.—Ama, eu vou.—Ó meu dilecto amante,
Adeus, adeus!... espera, eu volto n'um instante.

(Retira-se da varanda)

ROMEO

Oh! noite afortunada! oh! noite divinal!
Será tudo isto um sonho, ou tudo emfim real!

JULIETA *(reapparecendo na janella)*

Tres palavras, Romeo: se o teu amor é puro,
E ao meu queres ligar teu nome no futuro,
Ámanhã, por alguem que tenciono enviar-te,
Me dirás em que dia, a que hora e em que parte
Devemos contrair os laços do hymeneu:
Desde então para sempre o meu destino é teu!
Serás o meu senhor; e o meu amor profundo
Teus passos seguirá té aos confins do mundo!

A AMA *(de dentro)*

Menina!...

JULIETA

Eu volto já. Mas se acaso procuras,
Meu affecto illudir com intenções impuras...

A AMA *(de dentro)*

Menina!...

JULIETA

Lá vou já. Falla então, que é melhor
Deixar-me desde agora entregue á minha dor!
Mandarei ámanhã...

ROMEO

Por quanto ha mais sagrado!...

JULIETA

Oh! mil vezes adeus!

(Retira-se da varanda)

ROMEO *só*

Mil vezes desgraçado
Sou eu por já não vêr teu rosto deslumbrante!
Como vôa da escóla o trêfego estudante,
Assim vôa, não corre, o amante ao ser que adora;
Mas ai! do despedir quando é chegada a hora,

Já não sabe correr; na voz, no gesto, em tudo,
Vai como o estudantinho em tornando ao estudo.

ROMEO *(dá alguns passos para sair)*

JULIETA *(tornando a apparecer na varanda)*

Romeo, Pstt, ó Romeo! Ah! meu Deus! se eu tivesse
A voz do falcoeiro, e clamando podesse
De novo a mim trazer-te, ó meu falcão amado!...
Sou escrava; senão já teria cançado
O echo em sua gruta a chamar-te, Romeo!

ROMEO *(escutando e voltando)*

O meu nome... a voz d'ella!... oh! de novo volveu!
No silencio da noite, essa voz adorada
É, chegando á minh'alma, harmonia encantada!

JULIETA

— Romeo!

ROMEO

Meu só amor!

JULIETA

Ámanhã a qual hora?...

ROMEO

Ás nove da manhã.

JULIETA

Não falto, mas agora

Não sei por que motivo eu voltei a chamar-te!...

ROMEO

Deixa que eu fique então, talvez venha a lembrar-te.

JULIETA

Para mais o esquecer basta a tua presença,
Porque a tudo me rouba esta alegria immensa!

ROMEO

Continua a esquecer, que eu fico, minha vida,
Para ver a que ponto és emfim esquecida.

JULIETA

Vem o dia a romper; quizera n'este instante
Deixar-te sim partir, mas não andar distante;
Ter-te longe, e seguro; ausente, e sempre meu;
Tal como uma menina a uma ave que prendeu
Por tenue fio ao pé; deixa-a voar contente,
Mas, se teme lhe fuja, a pucha de repente.
Tudo ella lhe daria excepto a liberdade!

ROMEO

Se eu fosse teu assim!...

JULIETA

Quizera-o, na verdade;
Mas não, nas minhas mãos a poder de te amar
Era capaz, meu Deus! eu sei!? de te matar!
Adeus, adeus, adeus! se attento na harmonia
D'este saudoso adeus, chega de certo o dia,
A tarde, a noite emfim, e sempre os labios meus
Dizendo como agora um derradeiro adeus!

(Retira-se da varanda.)

ROMEO *só*

Desça á tua alma a paz, e as palpebras mimosas
Te cerre o somno amigo em horas deliciosas.
Eu parto a procurar o santo cenobita,
Para contar-lhe agora esta inefavel dita!

(Sae.)

ACTO TERCEIRO

SCENA V

O quarto de dormir de Julieta

Romeo e Julieta

JULIETA

Como? já vaes partir? inda vem longe o dia.
O que ouviste cantar não foi a cotovia,
Mas sim o rouxinol. Na romeira florida
Não falha uma só noite; é certo, minha vida;
Desprende a doce voz até romper o sol.
Não duvides, amor, porque era o rouxinol.

ROMEO

Era a nuncia da aurora, e não, como tu dizes,
A voz do rouxinol. Quão diversos matizes,
Começam a bordar as nuvens vaporosas!
Vae-se extinguindo a noite e as cores luminosas,
No horisonte, não vês? já lá vêm a romper.
Ou partir e viver, ou ficar e morrer!

JULIETA

Esta luz, estou certa, inda não é do dia.
Um meteoro é pois que o proprio sol te envia,
Para até Mantua, oh! Deus, servir-te de pharol!
Ah! não partas Romeo, qu'inda não rompe o sol.

ROMEO

Que venham elles pois, e venha embora a morte!
Tu o queres, eu fico e sigo a minha sorte.
Tens razão; esta luz inda não é da aurora;
É da pallida Cynthia a fronte encantadora.
Tão pouco a cotovia, aos pairos sobre nós,
A abobada do céo fere com sua voz.
Eu desejo ficar; seja a morte bem vinda.

Julieta assim o quer. Conversemos ainda.
Que tens tu meu amor? não vem rompendo o dia.

JULIETA

É dia, parte, parte! a voz da cotovia!
Não a sentes vibrar?! Ha quem falle do encanto,
Da harmonia e do amor que respira este canto!
Harmonias, e amor na voz que nos separa!
Vae-te, vae-te, essa luz, qu'inda ha pouco apontara,
Cada vez cresce mais!

ROMEO

E mais e mais escuro
Nosso destino agora eu vejo no futuro!
.....

XV

Um voto

Eu faço um voto, Maria,
Pelo ceu, pelas estrellas,
Por quantas flores singelas
Em abril o prado tem;
Por quantos affectos intimos
Agitam teu seio inquieto,
Ou antes por outro affecto:
Pelo amor de tua mãe.

Praza a Deus que o teu espirito
Jámais procure na terra
Sondar as paixões que encerra
Este mar torvo e traidor.

E se algum dia na vida
Sentires perto a procella,
Soccorre-te á tua estrella,
Que essa estrella, infante, é Deus!

Agosto de 1864.

XVI

A saudade no ermo

Pobre saudade! o teu seio
Por quem palpita anhelante?
Qual foi a mão inconstante
Que assim te lançou no chão?
Orvalhada com meus prantos,
Socia dos meus pensamentos,
Respondes aos sentimentos
Que eu tenho no coração.

Vem comigo; o teu perfume
Quão docemente me inspira!
Minh'alma tambem suspira
Em lances de immensa dôr!

Como tu em vão procuro
Ver um ente idolatrado,
E como tu do passado
Eu vivo tambem, ó flor!

Pobre saudade! encontrei-te
Ao brando espirar do dia,
Na hora em que o ceu envia
Á terra propicia luz;
Quando as côres do crepusculo
Se reflectem no horisonte,
Quando o prado, o valle, o monte,
Com mais encantos seduz.

Oh! talvez que n'esta hora,
No seu placido retiro,
Ella soltasse um suspiro
Ao recordar-se de mim!
Quem sabe se tu serias
Mensageira, que em secreto
Viesses do seu affecto
Dar mais uma prova, emfim?!

Se assim foi, ó confidente
De quanto minh'alma opprime,
Corre a dizer-lhe o que exprime
N'este instante o meu amor.
E ao vel-a sorrir, em paga,
N'aquella pallida frente,
Um ai, um suspiro ardente,
Um beijo, emfim, vae depor.

18...

XVII

No album d'um viajante que voltava para o Brazil

Exprime a dôr — uma lagrima;
Mas, no extremo do prazer,
Tambem a voz da eloquencia
Uma lagrima ha de ter.

Adeus, parte; volve á America,
E quando vires os teus
Por entre o veu de uma lagrima,
Que feliz serás!... Adeus!

XVIII

A casa onde ella morou

(DE A. DE TRUEBA)

« Apraz-me ver a gaiola
« D'onde a avesinha voou. »

I

Foi n'essa casinha branca,
Escondida entre a verdura
Onde canta o rouxinol,
Alegre ao romper da aurora,
E saudoso ao pôr do sol,
Que feliz vivia outr'ora
Uma ingenua creatura,
A pomba do meu amor.

Foi n'essa casinha branca!
Voou para o ceu um dia,
Que era um anjo do Senhor.
E eu quem era!? eu não podia
Subir onde ella subia!
Fiquei no val de amargura,
Onde triste agora estou!
Divagar por estes sitios
É quanto emfim me consola:
« Apraz-me ver a gaiola
« D'onde a avesinha voou! »

II

Áquella airosa varanda
Quantas vezes estivemos!
Entre os braços da esperança
Quanta vez adormecemos,
Ambos á tarde alli sós;
E em que delicias vivemos!

Parece-me agora ouvir
Aquella timida voz,
Que me dizia a sorrir,
Pondo a mão no coração:

« Assim que um laço sagrado
« Eternise a nossa união,
« Felizes, meu doce amado,
« Seremos os dois aqui,
« N'esta casa onde eu nasci;
« Por que esta casinha branca,
« Que na infancia me sorria,
« Promette longe do mundo
« Amor, e paz, e alegria;
« E alegria, e paz, e amor,
« Entre estes campos em flor
« Teremos os dois aqui,
« Na casinha onde eu nasci! »

Porém ai! quem tal dissera!
Co'as flores da primavera
Nossa esperança acabou!
Hoje vagar n'estes sitios

É quanto emfim me consola:
« Apraz-me ver a gaiola
« D'onde a avesinha voou! »

III

Casinha, casinha branca,
Que entre os arbustos te ostentas,
Casinha onde ella viveu!
Dos raios e das tormentas
Te guarde o poder do ceu.
Jámais se estanque essa fonte,
Que em julho te dá frescura,
E por entre a rama escura
Do teu umbroso pomar,
As aves ouças cantar,
Alegres de madrugada,
E de tarde a suspirar.
.....
.....

Eu virei cravar os olhos
N'essa deserta sacada
Da casa onde ella morou,
Porque ao menos me consola
«Poder mirar a gaiola
«D'onde a avesinha voou!»

Cintra. Agosto de 1866.

A MARÍA

AO MEU QUERIDO AMIGO

JULIO CEZAR MACHADO

Offerece

O AUCTOR

XIX

A Maria

Quando hontem de tarde a vi,
Que dizia o seu olhar?
Inda o não pude explicar!
Só sei que nunca senti,
Na minha vida, talvez,
Outra impressão similhante
Á que o seu olhar me fez!

Baixava-o de instante a instante,
Uma lagrima encobrindo!
Quasi que o não conheci,
Tão mudado estava agora
Esse olhar que era uma aurora!...

Que era como o sol abrindo
Nas manhãs do mez de maio,
Quando o manto da neblina
Afasta, e despede um raio
Da sua luz crystalina!

Aproximei-me: animou-se;
Mas não d'aquella expressão
Que em seu rosto se espalhava
Quando d'antes me encontrava!

De irmã que vê seu irmão
Com viva e santa alegria
Já não era o que exprimia.

Carregava-se o horisonte,
E aquella melancolia,
Que anuviava a sua fronte...
Da tarde talvez seria...
Que a tarde estava sombria!...

Julho de 18...

XX

Voz do silencio

Sentas-te a respirar a viração serena
Ás tardes no portal da tua habitação,
Sorrindo ao ver brincar a tua irmã Helena
Em jogos infantis com teu gracioso irmão.

Depois declina o sol; vae-se extinguindo o dia:
O crespusculo á terra envolve em branda luz.
Ouves então bater a santa *Ave-Maria*,
E vaes com teus irmãos resar aos pés da cruz.

Muitas vezes tambem quando apparece a lua,
Por algum tempo mais ficas a meditar.

Helena e Raphael dormem á sombra tua,
Tu fazes-me signal para os não despertar!

Reina em volta de nós um silencio profundo;
Mas tem essa mudez uma eloquencia tal,
Que a grandeza do ceu, que os astros d'esse mundo,
Não nos fallam melhor de uma vida immortal!

Julho de 18...

NOTAS

NOTAS

Rosa esquiva

Era verdadeiramente esquiva esta rosa, ou antes botão de musgo entre-cerrado, gracioso e perfumadissimo; mas cercado por muitos e agudissimos espinhos.

Ha dias encontrei-a, sempre botão encantador, e já sem espinhos, que assim o dizia, cravando os olhos namorados no feliz a quem vae dar a mão de esposa.

Agora lhe pergunto eu com o poeta:

Os espinhos que tão duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com que magos esconjuros
T'os desarmaram, ó rosa?!

Tristeza sem motivo

Estes versos, como a maior parte dos que apparecem nas *Canções da Tarde*, menos as traducções, foram escriptos de improviso.

No outono de 1862 estava eu em Vizeu, depois de haver discorrido pela serra da Estrella e do Caramulo, na companhia de bons amigos, entre os quaes figurava o meu e nosso grande poeta Thomaz Ribeiro.

Um dia fui visitar os banhos de S. Gemil, magnificas termas do rio Dão.

Estava ahi parte de uma familia da Povoa d'Arenosa com quem travara, dois mezes antes, relações de viva e profunda sympathia.

Quem me dera lá agora para o meu rheumatico!

O sitio é triste, tristissimo! A mim pareceu-me alegre. Tudo vae dos olhos com que vêmos as coisas!

Ao entardecer, uma joven senhora, da casa onde eu fôra hospedado, quando todos riam em meio de uma conversação animadissima, estava olhando, abysmada em funda melancolia, para um ponto em que o rio se precipitava com mais impeto. De quantos se achavam ali aquella senhora era de certo a pessoa mais feliz. A sua tristeza estava pedindo versos!

No dia seguinte, dia do entrar do outono, com o ceu azulino nadando em luz, amenisado pela viração fresca, um d'estes dias, emfim, em que todos são poetas, improvisei versos á singular melancolia da bella sensitiva. Por signal que ao atravessar da margem onde estava quando os escrevi, agitado ainda com a ressaca da inspiração, vim, pé aqui, pé ali, n'esta e n'aquella pedra, quando de repente me falhou uma d'ellas, e cahi no rio, como um pato que sou.

Fiquei quite do naufragio por um meio banho, e salvei o poema. Do que me não pude salvar foi da famosa assoada que me fez a amavel senhora, em cujo rosto, em vez das sombras da vespera, rebrilhava desapiedada alegria por me ver n'aquella apertada situação.

Vá-se lá crer nas melancolias dos corações femininos!

A cantora Lotti

Lotti tem um coração generosissimo. Da primeira vez que esteve em Lisboa, cedeu todo o producto do seu bene-

ficio para as creanças desvalidas ; da segunda, a que se referem estes versos, para os velhos desamparados.

A José Estevão

Escrevi estes versos para serem recitados em Aveiro, onde o grande orador abriu os olhos, e onde hoje repousa no mesmo chão em que descança o pae, aquelle honrado varão de Plutarcho, que se chamava Luiz Cyprianno.

José Estevão está ali bem, ao pé dos que tanto amou, que ainda vivem, e ao lado de seu pae, que participa com elle do profundo somno da morte.

A pomba que vem esvoaçar por entre os cyprestes que dão sombra á sepultura, é a filha do admiravel improvisador, aquella Joanninha, anjo que no berço se assentou com as tristezas da terra, e bateu as azas fugindo para o seio de Deus !

Publicando estes versos, tributo humilde, mas sincero, e de muita saudade á memoria do notavel genio, aproveito a occasião para agradecer ao primeiro poeta que hoje temos haver espontaneamente inserto na sua sentidissima carta em resposta ao meu amigo Freitas d'Oliveira, os alexandrinos que apparecem n'esta breve composição, assim como as palavras de benevolencia que me endereçou.

INDICE

	Pag.
I. — Rosa esquiva	7
II. — Dolores	9
III. — A cantora Lotti	11
IV. — A Julia	15
V. — O poeta	17
VI. — Tristeza sem motivo	19
VII. — A primeira saudade	27
VIII. — A José Estevão	39
IX. — Adoração	41
X. — A I. de S.	49
XI. — No album de uma recem-casada	51
XII. — Ao filho primogenito do conde de Anadia	53
XIII. — A flor e a borboleta	55
XIV. — A madame Elisa Volpine na noite da sua despedida	57
Julieta e Romeo	63
XV. — Um voto	83
XVI. — A saudade no ermo	85
XVII. — No album d'um viajante que voltava para o Brazil	89

Pag.
XVIII. — A casa onde ella morou..... 91
XIX. — A Maria..... 101
XX. — Voz do silencio..... 103
Notas..... 105

mc Mullen

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

Preservation Technologies

A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 331 819 1